

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

MARINA FERREIRA GOUVEIA

Como o governo brasileiro e Bolsonaro foram representados na mídia internacional? Uma análise da relação entre as imagens e os títulos de notícias publicadas no jornal The Guardian durante o ano de 2020

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022

MARINA FERREIRA GOUVEIA

Como o governo brasileiro e Bolsonaro foram representados na mídia internacional? Uma análise da relação entre as imagens e os títulos de notícias publicadas no jornal The Guardian durante o ano de 2020

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2022

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

Monografia *Como o governo brasileiro e Bolsonaro foram representados na mídia internacional? Uma análise da relação entre as imagens e os títulos de notícias publicadas no jornal The Guardian durante o ano de 2020*, de autoria da estudante Marina Ferreira Gouveia, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier - Orientadora
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Prof. Dra. Laene Mucci Daniel
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

Ms.Maurício João Vieira Filho
Jornalista
Doutorando em Comunicação (PPGCOM/UFJF)

Viçosa, 8 de agosto de 2022.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo identificar e analisar como foram construídas as representações sobre o Brasil e sobre o governo Bolsonaro, através das linguagens verbais e não-verbais usadas pelo jornal britânico *The Guardian*, durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19. Para alcançar este objetivo, foi necessária uma prévia contextualização sobre teorias e definições acerca do jornalismo internacional, comunicação e política sobre as representações. Para tanto, utilizamos como bibliografia principal os trabalhos de João Batista Natali (2004) sobre a origem e o desenvolvimento do jornalismo internacional no Brasil e no mundo; o livro, *Cultura e Representação*, de Stuart Hall (2016) para explicar as diversas construções de sentidos acontecem em meio às culturas e diferenças sociais e sobre como a mídia pode ser um ator importante neste momento de identificação. Como *corpus* de análise, selecionou-se 13 matérias publicadas no site do jornal *The Guardian*, nas quais foram identificados padrões na intenção dos editores ao usar as imagens em conjunto com os títulos, como sendo contrastantes ou complementares. Procedemos as análises, procurando identificar as imagens projetadas provenientes do tensionamento entre os elementos verbais – nos títulos e subtítulos – e os elementos não-verbais, mobilizados pelas imagens. Foi possível notar que a representação retratada e divulgada sobre o governo Bolsonaro e o Brasil durante o ano de 2020 não é positiva e foi construída, principalmente, pro uma estratégia discursiva de ironia, muitas vezes colocando em contradição os fatos relatados com a postura do presidente representada nas imagens.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo internacional; Diplomacia midiática; política; representação; Bolsonaro.

ABSTRACT:

This monograph aims to identify and analyse how representations about Brazil and the Bolsonaro government were constructed, through the verbal and non-verbal languages used by the British newspaper *The Guardian*, during the first year of the Covid-19 pandemic. To achieve this objective, a previous contextualization of theories and definitions was necessary, which are essential for the understanding of how representations are made and how important they are. As a theoretical-methodological repertoire, we used the knowledge and teachings of João Batista Natali on the origin and development of international journalism in Brazil and in the world. The text, *Culture and Representation*, by Stuart Hall, was also included to explain sociologically what it means to be represented and how the different constructions of meanings take place in the midst of cultures and social differences, and on how the media can be an important actor in this moment of identification. Materials belonging mainly to the area of International Relations were also read to better understand the concept of Media Diplomacy and how the media and journalists can influence governments and public decisions. When selecting and analysing some articles published on *The Guardian's* website, patterns were identified in the editors' intention when using the images in conjunction with the titles, as being contrasting or complementary. Finally, it was possible to note that the image portrayed and disseminated about the Bolsonaro government and Brazil during the year 2020 is not positive, but rather criticized.

KEYWORDS

International journalism; Media diplomacy; politics; representation; Bolsonaro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1 - ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE JORNALISMO INTERNACIONAL E SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEITA PELA MÍDIA.....	09
1.1 Aspectos históricos do jornalismo internacional.....	10
1.2 A representação pela mídia	12
CAPÍTULO 2 - RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA	15
2.1 Diplomacia Midiática	17
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE IMAGENS DA COBERTURA INTERNACIONAL SOBRE O GOVERNO BRASILEIRO	20
3.1 A produção de sentido pelas imagens	21
3.2 Análise dos elementos verbais e não verbais: títulos, subtítulos e fotografias	22
3.2.1 Notícia publicada em 25 de fevereiro 2020.....	23
3.2.2 Notícia publicada em 30 de março de 2020	24
3.2.3 Notícia publicada em 31 de março de 2020.....	25
3.2.4 Notícia publicada em 16 de abril de 2020	26
3.2.5 Notícia publicada em 29 de abril de 2020	27
3.2.6 Notícia publicada em 18 de maio de 2020	29
3.2.7 Notícia publicada em 5 de junho de 2020	30
3.2.8 Notícia publicada em 23 de junho de 2020	31
3.2.9 Notícia publicada em 28 de junho de 2020	32
3.2.10 Notícia publicada em 8 de julho de 2020.....	33
3.2.11 Notícia publicada em 8 de agosto de 2020	34
3.2.12 Notícia publicada em 24 de agosto de 2020	35
3.2.13 Notícia publicada em 10 de outubro de 2020.....	36
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

INTRODUÇÃO

As eleições para a presidência do Brasil, em 2018, vieram cheias de incertezas e curiosidades. Nos anos anteriores, o país vivenciou turbulências no governo como as investigações de corrupção, o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, a ascensão de seu vice, Michel Temer ao posto e diversas manifestações contra e a favor dessas mudanças. Quando, finalmente, outubro de 2018 chegou, haviam vários candidatos à presidência. As campanhas políticas envolveram o povo em passeatas, eventos para explicar as propostas de cada candidato na esperança de que não precisássemos mais passar por tantas turbulências com o governo.

O resultado foi definido no segundo turno com 55,13% dos votos em Jair Messias Bolsonaro, candidato de direita do partido PSL. Em segundo lugar, o candidato do PT, Fernando Haddad, obteve 44,87% dos votos. Nessas eleições também houveram 2,14% de votos em branco, 7,43% de nulos e 21,30% de abstenções.¹ Assim, no dia 1º de janeiro de 2019, Bolsonaro assumiu como o 38º presidente do Brasil. Em seu discurso, prometia mais empregos, mais segurança, menos crimes, mais educação e saúde.

No decorrer do ato de posse, aconteceu o primeiro discurso dentro do Congresso Nacional, voltado aos políticos, de maneira mais institucional. Os tópicos pautados na campanha são trazidos por Bolsonaro exaltando visões ideológicas à direita, concomitantemente criticando ideologias, no caso as de esquerda. Unir o povo, respeitar a família, marcas religiosas e de moralidade, e prezando pela liberdade de amarras ideológicas são alguns pontos tocados por ele que reafirmam a visão ideológica de direita. Além de declarações que suscitam ódio, mentiras e contradições. (VIEIRA FILHO, 2019, p.13)

Bolsonaro seguiu sendo contraditório e polêmico em seu cargo de presidente. Uma das últimas pesquisas de satisfação em relação ao primeiro ano de seu mandato, feita em dezembro de 2019 pelo Datafolha, mostrou que 36% dos brasileiros desaprovam seu governo. Bolsonaro se tornou o presidente com o pior índice de aprovação no primeiro ano de mandato, ficando acima de Fernando Collor nesse ranking.² A má fama do presidente aumentou ainda mais quando, em 2020, o mundo foi surpreendido pela pandemia do novo Coronavírus.

Identificado pela primeira vez, em dezembro de 2019, na China, o vírus SARS-CoV-2 se espalhou de maneira incrivelmente rápida. No dia 24 de janeiro de 2020, foi anunciado que

¹ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml> Acesso em 29 jul. 2022.

² Disponível em <https://tab.uol.com.br/edicao/um-ano-de-bolsonaro/#page10> Acesso em 29 jul. 2022.

já haviam cerca de 830 pessoas infectadas em vários países como Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Taiwan, Cingapura, Nepal e Estados Unidos. Em fevereiro, a organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou que essa nova doença infecciosa, que afeta principalmente o aparelho respiratório, como uma pneumonia, seria chamada de Covid-19.

Três meses após a primeira notificação da doença, em 11 de março de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus era, oficialmente, uma pandemia. A partir daí, os países começaram a implementar um sistema de quarentena, que também ficou conhecido como *lockdown*.³ No Brasil, todos os governadores aderiram à medida de quarentena e encerraram aulas nas escolas e universidades, bem como suspenderam as atividades de atendimento ao público, como salões, lojas, restaurantes e bares. Apesar dos números de infectados e de vítimas fatais da doença, ainda em março, Bolsonaro veio a público pedir a volta à normalidade e o fim do confinamento.⁴ Não foi a primeira e nem a última vez que o presidente do Brasil se mostrou a favor da retomada das atividades econômicas durante a pandemia.⁵

Nesse momento a Covid-19 já estava causando grandes estragos e muitas perdas em todo o mundo, fazendo com que todos estivessem atentos ao que acontecia e às medidas que cada governante tomava para lidar com a pandemia. Com isso, as falas de Bolsonaro sobre o fim da quarentena deixaram vários líderes internacionais surpresos e indignados com a forma como o brasileiro se referia à doença. De acordo com a Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, em 2020 aproximadamente 1179 matérias internacionais citaram o Brasil. Desse número, cerca de 92% dessas matérias (um total de 1088 matérias) foram negativas.

Um estudo produzido pela Curado & Associados, consultoria especializada em gestão de imagem e reputação, analisou 7 jornais do exterior: *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Guardian*, *The Economist*, *El Pais*, *Le Monde* e *Der Spiegel*. O tema que mais apareceu e mais foi criticado nas notícias relacionadas ao Brasil nesses jornais foi sobre a gestão política de Bolsonaro na crise.⁶

Para além de ser ferramenta de diálogo e informação, a imprensa também tem sua parcela de interesse de mercado e política. No estudo das Relações Internacionais podemos ver claramente esses outros interesses que permeiam a comunicação. A chamada Diplomacia

³ Disponível em https://covidreference.com/timeline_pt Acesso em 29 jul. 2022.

⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml> Acesso em 29 jul. 2022.

⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/31/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-muda-o-tom-e-nao-critica-o-isolamento-social.ghtml> Acesso em 29 jul. 2022.

⁶ Disponível em <https://www.aberje.com.br/estudo-sobre-imagem-aponta-como-governo-brasileiro-e-visto-no-exterior-em-2020/> Acesso em 29 jul. 2022.

Midiática por exemplo, que “trata-se de um campo que analisa os efeitos dos modernos meios de comunicação e da imprensa sobre os assuntos de Estado em política externa e que trata também da interferência desses novos meios na agenda internacional e na disputa pelo poder.”. (Burity; Rangel, 2013, p.171). Os governos normalmente investem tempo e recursos na criação de estratégias para melhorar a imagem de seu país no exterior, seja por causa de algum acontecimento específico, ou para chamar atenção para suas qualidades e conseguir relações melhores. O foco deste trabalho está justamente nessa área, a da imagem internacional do Brasil. Esta pesquisa qualitativa tem o objetivo geral de perceber como o jornal The Guardian usou, em 2020, as linguagens verbais e não verbais para construir uma imagem do Brasil e do governo Bolsonaro para seus leitores.

Como objetivos específicos, procuramos identificar a forma como o jornal The Guardian utiliza da influência das imagens e fotografias para ilustrar e criar um sentido proposital às suas matérias, que pode ou não impactar na percepção do leitor sobre a notícia. Além disso, temos como objetivo descrever e analisar a relação criada pelo jornal entre as linguagens verbal e não verbal, para entender com que finalidade elas foram usadas. Por último, também reunimos como objetivo específico identificar e caracterizar a forma como o jornal trata matérias sobre outros países em contextos graves, como a pandemia do novo coronavírus neste caso.

Para alcançarmos os resultados desses trabalhos, foram feitas pesquisas bibliográficas em artigos, teses e livros de diversos autores e com variadas áreas do conhecimento. Além disso, após pesquisar, filtrar e selecionar os objetos que fariam parte do corpus desta monografia, foram feitas análises levando em conta as descobertas e os ensinamentos vistos durante as pesquisas bibliográficas e as interpretações que poderiam ser vistas nas imagens, títulos e subtítulos utilizados nas matérias selecionadas do jornal The Guardian sobre o governo Bolsonaro no ano de 2020.

A imagem que um presidente representa para um público, principalmente internacional, pode fazer com que algumas opiniões sejam reformuladas ou reforçadas, sendo de aprovação ou não. Quando a representação do país no exterior não é muito boa, acordos podem ser perdidos, certos tratamentos de cordialidade que existiam antes entre as populações podem ser deixados de lado. Por isso é tão importante que os governantes façam o possível para passar uma imagem positiva e representar bem seu país no mundo todo.

No *Capítulo 1 - Alguns apontamentos sobre jornalismo internacional e sobre a representação feita pela mídia*, caracterizamos e explicamos alguns aspectos e dificuldades dos

profissionais que trabalham como Correspondentes Internacionais. Desmistificamos alguns preconceitos existentes sobre essa área do jornalismo e sobre como as notícias de diversos países eram compartilhadas para todo o mundo. Além disso, também apresentamos um suporte teórico que introduz um pouco da história do jornalismo internacional, desde seu surgimento até os dias atuais, passando pelos avanços tecnológicos e sociais que impactaram diretamente os jornalistas e seus trabalhos. Ainda no Capítulo 1 trouxemos uma breve explicação sobre a teoria dos “Sistemas de Representações” criado por Stuart Hall que se mistura com o tema deste trabalho quando falamos das responsabilidades dos jornalistas em traduzir e levar o conhecimento de culturas diferentes para diversos lugares e povos.

No *Capítulo 2 – Relações entre Comunicação e Política*, utilizamos artigos e estudos provenientes das Relações Internacionais para explicar e entender como funcionam as relações entre os países, e também para conhecermos mais sobre Diplomacia Midiática, uma prática muito importante que envolve decisões governamentais, jornalistas e meios de comunicação.

Por fim, no *Capítulo 3 - Análise de imagens da cobertura internacional sobre o governo brasileiro*, apresentamos todo o percurso traçado para enfim chegarmos às análises e seus resultados, trazendo ainda breves explicações sobre o discurso da imagem e o uso de linguagens não verbais para transmitir mensagens, e sobre os elementos tão presentes no jornalismo que são os títulos, subtítulos e as fotografias.

CAPÍTULO 1 - ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE JORNALISMO INTERNACIONAL E SOBRE A REPRESENTAÇÃO FEITA PELA MÍDIA

Para que possamos analisar a representação do Brasil no exterior, precisamos, em primeiro lugar, entender o que é o Jornalismo Internacional, suas características e como essa área trabalha. O jornalismo internacional é uma especialização jornalística que tem foco na cobertura de eventos estrangeiros para seu jornal de origem, ou até mesmo para cobrir acontecimentos de importância global. As notícias desses eventos podem ser enviadas tanto por correspondentes internacionais, por agências de notícias, ou pela informação conseguida através dos métodos de telecomunicação, como a Internet e telefone.

Podemos caracterizar o correspondente internacional como o profissional que fica quase fixamente em um outro país trabalhando para enviar conteúdos aos meios de comunicação que normalmente são do seu lugar de origem. O mais comum é que esses jornalistas vivam nas capitais e que trabalhem quase completamente sozinhos. Algumas vezes eles são obrigados a viajar para outros lugares a fim de fazer uma cobertura mais dinâmica e exata sobre um

acontecimento, como vemos em guerras, eleições internacionais, grandes eventos como a votação para um novo Papa ou tragédias de ordem natural ou não.

Como dizem as autoras Agnez e Moura (2015), o trabalho de correspondente internacional é romantizado, dentro e fora do mundo jornalístico, visto como ponto mais alto de sucesso da carreira de um jornalista. Conforme as autoras, esta visão está errada e ser correspondente exige mais sacrifícios do que entregar glórias. Na maioria das vezes, acredita-se que os profissionais convidados a serem correspondentes no exterior são jornalistas experientes, que têm uma bagagem da profissão recheada de matérias excelentes. A visão romantizada também sinaliza que correspondentes seriam profissionais que estão dispostos a viver uma aventura, sem saber com certeza o que pode acontecer e como ele vai se sair em uma cultura diferente, falando uma língua diferente e longe da segurança da redação.

De acordo com uma pesquisa feita por Agnez e Moura (2015) sobre os perfis dos correspondentes internacionais brasileiros, a maioria dos entrevistados ainda estava na fase intermediária de sua carreira, tendo começado o trabalho jornalístico há pouco mais de 10 anos e antes dos 30 anos de idade. Ainda de acordo com a pesquisa, experiência não é o fator mais importante para um correspondente. O domínio de outros idiomas e a facilidade para se adaptar e aprender a viver em meio a outras culturas foram votados como as principais características para que um profissional tenha sucesso trabalhando no exterior.

No livro *Correspondentes*, o Grupo Globo conta as histórias de diversos jornalistas que foram se aventurar no exterior. Logo no começo, durante a apresentação da obra, Ali Kamel, Diretor Geral de jornalismo, resumiu o trabalho do correspondente internacional com poucas palavras: “É uma atividade difícil. [...] enquanto a maior parte dos jornalistas conta com o apoio de uma redação inteira, o correspondente está no front apenas em dupla: o responsável pelo texto ao lado do responsável pela imagem.” (MEMÓRIA GLOBO, 2018, p.9).

Apesar de viver imerso em uma cultura diferente, o jornalista que trabalha no exterior precisa se manter, de certa forma, afastado da realidade em que vive. É preciso que ainda haja o olhar de estrangeiro para que possa identificar o que é notícia para as pessoas que estão fora dali, para que saiba como passar as informações de forma que quem não vive naquela cultura possa entender a importância do que está sendo noticiado. O correspondente precisa traduzir as informações que, no país em que ele está, são consideradas “domésticas” para todos que não estão lá e consideram as informações como “internacionais”.

1.1 Aspectos históricos do jornalismo internacional

De acordo com Natali (2004), o Jornalismo nasceu internacional. Os veículos de imprensa pioneiros - criados nos séculos XVII e XVIII - tinham como principal objetivo informar leitores locais (em sua maioria, comerciantes e banqueiros) sobre fatos acontecidos no exterior. A necessidade de saber das movimentações do comércio de fora fez surgir o Newsletter, isto é, um boletim informativo, periódico e com um conteúdo mais específico. Natali (2004, p. 21) chega a dizer “que ali estava de forma inequívoca o embrião do jornalismo econômico e político, voltado para assuntos internacionais”.

No século XIX, houve um avanço no jornalismo, principalmente para o impresso. Acompanhando as inovações industriais de produção de massa, os jornais de grande escala lançaram as notícias em escala industrial, que inevitavelmente separou ainda mais os burgueses, que liam os jornais não só por entretenimento, mas também para se inserirem na economia, dos operários e dos camponeses, que não exerciam nenhuma atividade econômica além da oferta de mão de obra.

Em 1800 os jornais eram impressos por aparelhos semelhantes aos usados para fabricar livros. Eram impressos em uma folha só e demoravam demais para serem liberados para o público. Alguns anos depois, em 1814, foi inventada a impressora a vapor, que permitiu multiplicar as tiragens por dez, agilizando o processo de impressão e publicação dos jornais. Nos anos seguintes, ainda no século XIX, vieram a impressora cilíndrica e o linotipo, que possibilita colocar todas as letras de uma linha de texto de uma vez, em uma matriz metálica. Foi neste século que foram instalados os trens e os cabos de telégrafo pelo mundo. Para Natali (2004, p. 30), “O mundo ficou menor. O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da Internet no final do século XX”.

Além das inovações nos processos de impressão, as estratégias para economizar também começaram a surgir no século XIX. O jornalismo passou a seguir uma postura mais parecida com a do mercado, onde havia preocupação não só com a produção de material, mas também com o dinheiro que seriam utilizados nessas tarefas e como diminuir esses gastos. Para isso foram criados os “pools”, sistemas onde os repórteres que estavam produzindo as notícias, disponibilizavam seus materiais para vários órgãos de imprensa de uma vez, uma prática semelhante às das agências de notícias hoje em dia. Como Natali (2014) explica, um texto distribuído para diversos jornais que assinam os serviços de uma agência de notícias sai muito

mais barato que manter um correspondente ou enviar um jornalista para fora. Nesses casos, os custos são bancados inteiramente pelos jornais responsáveis pelos profissionais.

De acordo com Esperidião (2007), quando os jornais começaram a exibir informações internacionais, as notícias chegavam através de ligações telefônicas. Porém na década de 60, surgiram os consórcios de telecomunicações internacionais via satélite. Em 1964, o grande boom do satélite foi com a primeira transmissão dos Jogos Olímpicos de Tóquio, mas apenas para os Estados Unidos e Europa. A Globo, antes de se instalar no exterior, recebia imagens internacionais através de um pool, o Sistema Ibero-Americano de Notícias (SIN). Todos os dias, a *Eurovision* enviava aproximadamente 10 minutos de materiais para os jornais. As pautas eram decididas entre os membros do SIN por telefone logo cedo e, para serem aprovadas, precisavam da maioria dos votos dos participantes. Ainda assim, não era suficiente, já que as informações demoravam para chegar e nem sempre vinham completas, com detalhes e boa qualidade, essa transmissão precisava ser mais rápida, e foi então que começamos a ver os correspondentes internacionais.

Por volta de 1973, a Rede Globo decidiu investir em bases no exterior, não só porque tinham os equipamentos necessários, mas também porque acreditavam que a cobertura internacional era uma oportunidade de exercer o trabalho jornalístico sem a censura que ainda dominava o país (ESPERIDIÃO, 2007). Além disso, com a mudança nas demandas pelo público, que agora tinha mais trabalho e menos tempo, era necessário alguma estratégia que prendesse a atenção do telespectador ao jornal. Dessa forma, manter correspondentes internacionais “humanizava, complementava a cobertura das agências e aproximava cenários distantes da visão brasileira do mundo”. (ESPERIDIÃO, 2007, p. 4)

Logo depois, a década de 1990 foi um tempo de grandes mudanças no mundo jornalístico. No Brasil, com o fim da ditadura e a redemocratização, os jornalistas tiveram mais liberdade para produzir conteúdos de diversos temas que antes eram censurados e puderam voltar sua atenção para o cenário nacional, colocando a população a par de todas as novidades que chegaram junto da democracia. Na questão internacional, tivemos o fim da Guerra Fria e mais tarde o início da Guerra do Golfo, voltando os olhares para fora do Brasil novamente.

O avanço da tecnologia possibilitou uma transmissão mais veloz e com mais possibilidades. A internet e também a sofisticação dos satélites permitiram que os correspondentes fizessem suas entradas ao vivo de qualquer lugar do mundo, aumentando a gama de assuntos e levando as mais diversas notícias ao mais diverso público. Apesar desse avanço ter sido algo muito benéfico, também trouxe problemas. De acordo com Agnez e Moura

(2015) atualmente houve uma redução no número de correspondentes internacionais, primeiro por conta do alto custo que é manter jornalistas em outros países, e segundo pelos avanços tecnológicos que possibilitam a comunicação entre países praticamente ao vivo, através da internet.

1.2 A representação feita pela mídia

Quando dizemos que o correspondente internacional precisa “traduzir” as notícias do exterior para os habitantes do seu país de origem, estamos nos referindo à cultura também. Conforme Stuart Hall (2016, p. 20), “a cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos - o “compartilhamento de significados” - entre os membros de um grupo ou sociedade.” Perceber as diferenças culturais e saber adaptar as notícias para que elas façam sentido para diversas pessoas, em diversas sociedades, é uma das principais funções do correspondente.

Não é necessário que falemos a mesma língua para que possamos entender e aprender sobre os significados de outras culturas. Essa troca pode acontecer por meio de outras linguagens como música, expressões faciais, linguagem corporal, dentre outros.

Esses elementos - sons, palavras, gestos, expressões, roupas - são parte da nossa realidade natural e material; sua importância para a linguagem, porém, não se reduz ao que são, mas sim ao que fazem, a suas funções. Eles constroem significados e os transmitem. Eles significam, não possuem um sentido claro em si mesmos - ao contrário, eles são veículos ou meios que carregam sentido, pois funcionam como símbolos que representam ou conferem sentido (isto é, simbolizam) às ideias que desejamos transmitir. (HALL, 2016, p.24)

Todas as diferentes formas de transmitir um sentido, uma comunicação, podem ser consideradas linguagens, pois assim como a língua falada e escrita, elas funcionam por algo denominado por Hall (2016) de “sistemas de representação”. Esses sistemas não são feitos de conceitos individuais, mas nas diversas formas de organizar, agrupar e classificar esses conceitos, além da forma como eles se relacionam.

A representação pode ser vista de várias formas dependendo da cultura a que se refere. Neste trabalho não estamos falando da representação como se fosse um reflexo no espelho, uma imagem apenas, mas sim de tudo que envolve a construção do ser humano e de suas culturas e tradições. Aqui devemos citar a linguagem, os signos que usamos (letras, palavras, frases, imagens e etc), a interpretação que fazemos, como nosso vocabulário e as associações entre linguagem, conceitos e signos foram criados na nossa mente. Para Hall (2016) podemos usar

três enfoques para entender como a representação do sentido pela linguagem funciona. Na abordagem reflexiva, o sentido é percebido como se estivesse se firmando exatamente no objeto, pessoa ou ideia no mundo real. A linguagem aqui é apenas um reflexo, como se fosse um espelho, do sentido verdadeiro, de como ele existe no mundo.

Na abordagem intencional o sentido das coisas ao nosso redor é definido e dado pelo autor. Como diz Hall (2016, p. 48), “as palavras significam o que o autor pretende que signifiquem”. Porém, essa abordagem também apresenta falhas. A linguagem é um sistema social, que usamos para convencer ou comunicar o nosso modo de ver o mundo. Se cada um fosse uma fonte individual de significados, existiriam milhares de linguagens particulares, e a comunicação ficaria cada vez mais difícil.

Por último temos a abordagem construtivista que leva o caráter social da linguagem como uma de suas bases principais. Nela “as coisas não significam: nós construímos sentido, usando sistemas de representacionais- conceitos e signos.” (Hall, 2016, p. 48). Não podemos confundir o mundo material, literal, onde tudo existe, com as práticas e processos simbólicos, que são os caminhos pelos quais a representação, a construção de sentido e a linguagem trabalham. De acordo com Hall (2016, p.49) “são os atores sociais que usam os sistemas conceituais, o linguístico e outros sistemas representacionais de sua cultura para construir sentido, para fazer com que o mundo seja compreensível e para comunicar sobre esse mundo, inteligivelmente, para outro.”.

Em relação ao discurso midiático, é possível perceber que ele é um grande difusor de representações. Tudo ao nosso redor, objetos, acontecimentos, sujeitos, estão relacionados a conjuntos de conceitos ou representações mentais que carregamos. O significado que damos ao mundo depende do sistema de conceitos e imagens que existem conosco, permitindo que façamos referências às coisas internas e externas à nossa mente. A mídia produz efeitos principalmente na maneira de entender e representar, interiormente, o mundo, os fatos e eventos que acontecem ao nosso redor. Isso porque, assim como a abordagem intencional que vimos nos parágrafos anteriores, ela tem o poder de expressar e difundir a linguagem e os significados de uma única pessoa, ou de uma única cultura, o que pode gerar conflitos com as outras formas de pensar e ver o mundo de quem recebe o conteúdo publicado. Porém, esse poder que a mídia recebe também permite que ela publique seus materiais de forma mais didática, traduzindo o que faz sentido em uma cultura distante, para a linguagem e conceitos que temos na nossa cultura, permitindo que todos entendam o que está acontecendo no mundo.

No caso dos correspondentes internacionais, como citamos mais cedo, eles precisam traduzir as notícias para que elas façam sentido e atraiam públicos de outras culturas. Cabe aos profissionais decidir quais elementos, entre imagens, narrações e legendas, usar e principalmente com quais objetivos usá-los. Esta é uma questão importante quando se trata de jornalismo internacional, por exemplo, pois o profissional dessa área lida com diferentes culturas e conseqüentemente, diversos jeitos de interpretar ideias. O jornalista precisa ter clareza e inteligência para usar os elementos adequados e assim transmitir os significados de acordo com a realidade ao mesmo tempo em que traduz as notícias.

A forma como um país é representado na mídia impacta diretamente a opinião do público que vai receber as informações. Toda notícia, independente do meio onde está sendo veiculada, carrega consigo uma carga cultural, lexical e temporal que pode interferir muito na forma como o leitor, ouvinte ou telespectador vai interpretar e formar sua imagem sobre o que está sendo noticiado (QUADROS; CORDEIRO; SILVA; POLCHLOPEK, 2021).

Esse impacto acontece principalmente pela diferença entre as línguas e culturas do que está sendo noticiado, de quem passa e traduz a notícia e de quem a recebe. Um exemplo nacional dessa diferença pode ser visto no Brasil, onde em cada região do país uma mesma palavra pode ter diversas interpretações. Se no mesmo país, onde se fala o mesmo idioma, existem diferenças no uso das palavras, quando se trata de idiomas diferentes, podem existir ainda mais variações da mesma expressão. Como foi dito anteriormente, a linguagem é uma construção social, precisa de comunicação e interpretação entre quem fala e quem ouve.

CAPÍTULO 2 – RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Política é uma palavra muito presente no cotidiano das pessoas, ainda mais no cenário atual, onde estão acontecendo várias mudanças diariamente no meio político. De acordo com o *Oxford Languages*, a palavra política significa “arte ou ciência de governar; arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados; ciência política”. É por esse motivo que normalmente as pessoas que ocupam cargos administrativos, principalmente relacionados a uma cidade, estado ou país, são chamados de políticos. A palavra vem de Pólis, que na Grécia antiga eram como as cidades, comunidades, sociedades ou qualquer outra definição que faz referência à vida urbana e em conjunto.

Apesar de não ser estudada e entendida por todos, a política e suas movimentações impactam cada um dos habitantes de determinados lugares, e até do mundo todo. Atualmente, vivemos em uma forma de governo denominada democracia, o que permite que cada cidadão

seja um ser político. Isso porque uma democracia, teoricamente, só existe efetivamente se os diversos interesses dos cidadãos, incluindo aqui todas as classes sociais, tiverem espaço para serem manifestados. E uma das formas dessa manifestação ocorrer pode ser através dos meios de comunicação.

A principal função da mídia em relação à política é auxiliar na expressão da vontade popular e também manter o povo informado, dando assim o poder e conhecimento para tomar decisões.

(...) a mídia, ao participar da esfera pública como “prestadora de serviços”, isto é, como entidades de “comunicação social”, teria uma função imprescindível nas democracias: informar sobre os acontecimentos levando às pessoas uma gama de dados que, sem esse serviço, não teriam condição de conhecer outras realidades que não as vivenciadas ou relatadas por pessoas próximas. Mais importante, os órgãos da mídia fariam a fiscalização do Estado, exercendo assim a forma mais bem acabada de “controle social”: em relação ao dinheiro público, às ações públicas, numa palavra, aos negócios públicos. (FONSECA, 2011, p.42)

A mídia é imprescindível para a manutenção da democracia e apesar de ter suas funções e objetivos bem definidos, grande parte dela, como emissoras de TV, rádios e jornais, pertencem a empresas privadas, que tem como foco o lucro e a expansão de seus negócios. Com a perda nos interesses da esfera pública (arena de debate público em que os assuntos de interesse geral podem ser discutidos e as opiniões podem ser formadas, o que é necessário para a efetiva participação democrática e para o processo democrático) e objetivos voltados para lucro, as mídias agora precisam ser mais vigiadas, já que corromperam o compromisso de informar a população de uma forma mais imparcial, mostrando os fatos e informações para as pessoas e deixando que elas também criem a própria opinião. O grande questionamento que fica em aberto aqui é como confiar nos meios de comunicação, e no que eles publicam, se seus planos de ação e interesses são traçados por um público e por empresas específicas.

Cada vez mais podemos ver como a mídia consegue influenciar na política, como exemplo podemos citar a intensa atividade de Donald Trump na plataforma Twitter durante e após sua eleição nos EUA. Seus posts e comentários eram polêmicos e muitas vezes cheios de palavras ofensivas, o que levou o ex-presidente a ser banido da plataforma.

O avanço das tecnologias e a forma como usamos na vida pessoal, no trabalho e nas relações sociais impactam todos os aspectos, inclusive a política. Podemos chamar esse espaço, onde as redes sociais estão inseridas, de ciberespaço. Para Joseph S. Nye (2010), podemos definir ciberespaço como “um domínio operacional enquadrado pelo uso de eletrônicos para

explorar informações por meio de sistemas interconectados e sua infraestrutura associada.”⁷ Nesse espaço, assim como em todos os outros que permitem troca de ideias e opiniões, seus usuários são capazes de desenvolver formas de dominar e influenciar outras pessoas. No ciberespaço, “poder” é a palavra-chave, como explica Nye (2010)

poder cibernético é a capacidade de obter resultados preferidos através do uso dos recursos de informação interconectados eletronicamente do domínio cibernético. Em uma definição amplamente utilizada, poder cibernético é “a capacidade de usar o ciberespaço para criar vantagens e eventos de influência em outros ambientes operacionais e em todos os instrumentos de poder.” O poder cibernético pode ser usado para produzir resultados preferidos dentro do ciberespaço ou pode usar instrumentos cibernéticos para produzir resultados preferenciais em outros domínios fora do ciberespaço (NYE, 2010, p. 4).⁸

A população que tem acesso às tecnologias e conseqüentemente ao ciberespaço, pode opinar sobre política de forma mais livre e debater sobre as ações ou propostas dos partidos. Na internet, quanto mais impacto um assunto causa, mais opiniões ele gera e, conseqüentemente, dá mais visibilidade aos envolvidos na notícia. Um exemplo dessa influência foi visto nas eleições. Nos últimos anos, os candidatos têm se empenhado na comunicação principalmente pela internet, de forma que eles atinjam mais pessoas, nos mais variados níveis sociais e em um tempo muito menor que TV, rádio e jornais.

As redes sociais são centrais, por exemplo, para Jair Bolsonaro. Filiado a um partido pequeno, o PSL, com poucos recursos e diante da baixa possibilidade de conseguir apoio de partidos maiores, Bolsonaro investe há tempos na internet. Ele é o presidenciável com mais seguidores no Facebook, com 5,2 milhões de curtidas. Em março de 2018, o pré-candidato alcançou a marca de 1 milhão de seguidores no Twitter (FLORES, 2018, p.2)

Como mostrou Flores (2018), para políticos, a internet é preciosa e responsável por angariar cada vez mais eleitores. Levando o nome “rede social” ao seu sentido literal, uma publicação, mensagem ou imagem pode se espalhar de uma pessoa para várias outras diretamente. Como se fosse uma teia, as postagens e mensagens que são compartilhadas na internet chegam a milhares de usuários em questão de segundos.

⁷ tradução livre de “cyberspace is an operational domain framed by use of electronics to ...exploit information via interconnected systems and their associated infrastructure.”

⁸ tradução livre de “cyber power is the ability to obtain preferred outcomes through use of the electronically interconnected information resources of the cyber domain. In one widely used definition, cyber power is ‘the ability to use cyberspace to create advantages and influence events in other operational environments and across the instruments of power.’ Cyber power can be used to produce preferred outcomes within cyberspace or it can use cyber instruments to produce preferred outcomes in other domains outside cyberspace”

É importante ressaltar que o número de seguidores, apesar de sua importância, não representa sempre pessoas reais por trás das contas nas redes. Quanto maior o número de pessoas seguindo alguém, maior é o impacto que as publicações podem gerar, mas existem formas de burlar o sistema e criar contas falsas que são na verdade administradas por robôs ou por uma mesma equipe, com a finalidade única e exclusiva de aumentar o número dos seguidores de alguma personalidade, como Bolsonaro nesse caso, sem que dependa realmente das pessoas que usam a rede.

A mídia, principalmente a digital, se tornou mais eficaz e barata que as “antigas” formas de divulgação, como panfletos e santinhos, e será usada cada vez mais por todos.

2.1 Diplomacia Midiática

Muito comum no ambiente das Relações Internacionais, a Diplomacia Midiática não é um termo muito visto no meio jornalístico. Mas apesar disso, é essencial principalmente para os profissionais que pensam em seguir na área internacional e também para entendermos certas atitudes dos meios de comunicação quando as publicações envolvem notícias de outros países.

As novas formas de comunicação que foram surgindo ao longo dos anos, junto com novas tecnologias, não diminuíram a busca dos Estados por poder. O uso da mídia ainda é fundamentado nos aspectos econômicos, políticos e militares. Vivemos no que Burity (2013) chama de “Era da Informação”, um tempo em que a globalização e interdependência que foi formada entre os governos acabou criando uma “sociedade em rede”. As ciências sociais então não poderiam deixar de estudar e analisar essa mudança que afeta tantos lugares e tantas pessoas ao mesmo tempo. Com isso foi criado o termo “Diplomacia Midiática”.

De acordo com Burity (2013, p. 171), a diplomacia midiática se configura como “um campo que analisa os efeitos dos modernos meios de comunicação e da imprensa sobre os assuntos de Estado em política externa e que trata também da interferência desses novos meios na agenda internacional e na disputa pelo poder”. Em outras palavras, esse campo estuda os efeitos das notícias do mundo todo sobre os governos. Além de analisar o impacto que as opiniões internacionais geram nas decisões governamentais, o internacionalista estuda como os governos usam os meios de comunicação como ferramentas, principalmente nas questões internacionais.

A mídia é comandada por pessoas ou empresas que têm o poder de filtrar o que vem e vai, prática que pode gerar um grande impacto na sociedade. Essa prática de escolher o que vai

para o público, quando e por onde, recebe o nome de agenda setting. As pessoas começam a receber as informações por uma ordem de hierarquia, recebem o que a mídia, ou quem está por trás dela, deseja publicar, o que eles querem dar mais importância, chamar mais atenção. Isso incute na cabeça do telespectador ou leitor uma definição do que realmente é mais importante, já que eles não têm todas as informações ‘sobre a mesa’ para decidir por si próprio. A autora ainda complementa que “por envolver uma expressiva carga de subjetividade, o noticiário pode acentuar ou amenizar uma determinada situação e afetar o equilíbrio das forças políticas na democracia.” (BURITY, 2013, p. 172).

De acordo com os estudos sobre a Diplomacia Midiática, chegaram à conclusão de que a mídia recebe quatro possibilidades de atuação no mundo político internacional: a primeira é a de Controladora, indicando que a mídia ganhou um poder muito forte nas tomadas de decisões políticas. Principalmente em pautas relacionadas à ajuda e crises humanitárias. Podemos encontrar exemplos para essa atuação quando vemos tragédias naturais ou não. A quantidade de notícias e postagens sobre a situação das vítimas e de suas casas faz com que os governos sejam obrigados a agir, caso contrário sofreria grande repúdio da população e até mesmo de outros governos.

O segundo papel é de ator Constrangedor, influenciando decisões através do constrangimento público, pressionando líderes mundiais a tomarem atitudes. Nesse papel os tomadores de decisões utilizam os canais de comunicação ao invés dos diplomáticos. Um exemplo desse papel é o caso das Mulheres de Conforto, na Coreia do Sul. Desde que o governo japonês se negou a pedir qualquer tipo de desculpas sobre o caso, os sul-coreanos começaram a divulgar as histórias de mulheres que sobreviveram e a confrontar o governo japonês tanto nos jornais quanto nos produtos de entretenimento, como filmes e séries. Tal divulgação alcançou nível internacional, de modo que agora o Japão fica com essa mancha na sua reputação.

A terceira possibilidade é chamada de Interventora, considerando que os jornalistas são mediadores diretos ou indiretos e podem servir como catalisadores dos acordos e das resoluções políticas.

O último papel atribuído à mídia, é o que mais nos interessa nessa pesquisa, o de Instrumental. Nele a mídia recebe a função de mobilizar acordos e suportes. Teoricamente ao criarem um ambiente de evento, os meios de comunicação podem auxiliar nas negociações sobre os mais diversos assuntos. De acordo com Burity (2013, p. 173), “A mídia como ator instrumental também está direcionada à conquista da opinião pública da sociedade internacional

pelos governos. ” Há autores que atribuem ainda um quinto papel no meio político: o de Conflituoso, trabalhando com a hipótese de que a mídia também pode ser promotora de conflitos, intencionalmente ou não.

Os estudos no campo da Diplomacia Midiática ainda são considerados recentes e ainda faltam modelos analíticos que proporcionem um avanço mais significativo na área. Para Eytan Gilboa, professor de ciências políticas que criou o conceito de diplomacia midiática, podemos fazer análises através de 3 modelos.

O modelo da Diplomacia Pública que segundo Burity (2013, p.175) tem como objetivo “construir a imagem de um país no exterior por meio da comunicação direta com governos e indivíduos estrangeiros, disseminando o pensamento e a cultura locais, utilizando os mass media ou por meio de intercâmbios culturais, científicos e artísticos.”. Essa diplomacia atua principalmente para cultivar imagens favoráveis no exterior, sendo usada diretamente por Estado contra Estado.

O segundo modelo é o de Diplomacia de Mídia, que “utiliza os meios de comunicação estabelecendo uma ponte entre Estados e atores não estatais para construir confiança e avançar em negociações, mobilizando o apoio público para acordos. ” (BURITY 2013, p.176). Aqui são usadas ferramentas como conferências, entrevistas, coberturas de visitas de presidentes a outros países e a presença de mediadores internacionais.

O último modelo é o de Diplomacia feita pela Mídia, que diferente da Diplomacia de Mídia, coloca os jornalistas como o quarto poder nas negociações, exercendo o papel que seria atribuído ao diplomata. Gilboa (2001) usa como exemplo o um fato que aconteceu em 1977, quando o jornalista Walter Cronkite, da TV CBS, perguntou ao presidente egípcio Muammar Sadat se ele não gostaria de conhecer Jerusalém pessoalmente. O “sim” do presidente fez com que os dois países conseguissem uma reaproximação diplomática.

A influência da mídia no meio internacional pode ser proposital ou não, mas sempre acontece. As editorias que tratam de assuntos do exterior nos jornais carregam o fardo de sempre gerarem impacto entre duas ou mais nacionalidades, seja em relação aos governos ou às opiniões populares.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE IMAGENS DA COBERTURA INTERNACIONAL SOBRE O GOVERNO BRASILEIRO

Neste trabalho, realiza-se uma pesquisa de natureza qualitativa tendo como objeto de estudo as imagens encontradas nas matérias do *The Guardian*, referentes ao Brasil, no ano de 2020. Iremos recorrer a procedimentos de análise da imagem inseridos em uma perspectiva discursiva, os quais serão abordados a seguir.

Contudo, consideramos importante relatar o percurso por nós desenvolvido quanto às principais etapas por nós percorridas para realização da pesquisa. Inicialmente, nosso interesse principal era observar como ocorreu a cobertura internacional, a respeito do Brasil, no primeiro ano da pandemia do coronavírus. A análise seria feita nas matérias dos 3 jornais mais lidos no mundo. Após uma pesquisa na internet, o resultado mostrou que estes jornais seriam *The New York Times*, *The Washington Post* e *The Guardian*. Todos têm versões impressas e online, sendo os dois primeiros dos Estados Unidos e o último do Reino Unido.

O volume de dados encontrados nos levou a definir um único jornal para análise: o *The Guardian*. Tal escolha foi motivada pelos seguintes critérios: quantidade de matérias encontradas, observações quanto à linguagem utilizada e exposição de opinião do jornal. Para definir e filtrar o material disponível no site do periódico, foi utilizada a palavra-chave “Brazil”. A partir dessa filtragem, o jornal disponibilizou cerca de 5.543 matérias, sendo aproximadamente 440 delas publicadas no ano de 2020. As notícias não têm uma divisão clara sobre assunto nas páginas do site do jornal, mas podem ser encontradas matérias sobre meio ambiente, pandemia, governo, assassinatos e música.

Diante do volume alto de publicações referentes ao ano de 2020, começamos uma análise preliminar, observando aspectos do texto e dos temas das matérias que foram publicadas em 2020. Neste momento, foi possível notar um uso interessante das imagens pelo jornal, e então o corpus da pesquisa foi estabelecido. O foco do trabalho passou a ser o uso das fotografias em conjunto com os títulos e subtítulos das matérias para entendermos como o Brasil está sendo representado por meio das linguagens verbal e não-verbal.

Para a escolha das imagens que seriam usadas neste trabalho, após a pesquisa das notícias apenas do ano de 2020, foi realizada uma pequena categorização dos assuntos e priorizamos as matérias que tinham como foco o governo brasileiro, Bolsonaro e momentos relacionados à pandemia.

Nesta análise foram usadas 13 imagens e os critérios para interpretar a relação entre elas e os títulos e subtítulos foram basicamente analisar a posição do personagem principal da imagem, o movimento ou expressão facial, as cores presentes na fotografia e o contraste com

algumas palavras usadas pelo jornal. Todas as matérias que compuseram este corpus são de autoria do jornalista Tom Phillips, correspondente na América Latina pelo *The Guardian*.

Por fim, cumpre ressaltar que a fase inicial deste trabalho envolveu também o levantamento bibliográfico sobre Jornalismo internacional, Representações na mídia, Diplomacia Midiática e a relação entre Comunicação e a Política. Todos são áreas e assuntos que estão associados ao tema deste trabalho e que nos foram de extrema importância para compreendermos o universo temático e conceitual no qual nossa pesquisa se ancorava.

3.1. A produção de sentido pelas imagens

Somos rodeados de imagens e figuras no dia a dia, muitas delas sem nenhuma letra ou explicação escrita, e mesmo assim conseguimos entender perfeitamente o que elas querem dizer. Segundo Hall (2016) o sentido depende da relação entre as coisas no mundo, sejam pessoas, objetos e eventos, e também do sistema conceitual, funcionando como uma representação mental delas. Como temos sistemas conceituais parecidos, somos capazes de entender, como um grupo, o que elas representam. O autor ainda explica que, algumas vezes, a inclusão de pessoas em determinadas culturas é por que elas compartilham de sistemas conceituais semelhantes.

Para sermos capazes de interpretar uma imagem, devemos ter acesso ao mapa conceitual que correlaciona o que está sendo mostrado na imagem com um conceito. Por exemplo, se vemos uma pintura que mostra um ambiente cheio de verde, nosso mapa conceitual relaciona a imagem ao conceito de “floresta” e precisamos ter acesso a um sistema de linguagem, no qual a linguagem visual se assemelha à coisa real ou se parece com ela de alguma forma, explica Hall (2016). Isto significa que, para interpretarmos e darmos sentido às imagens que vemos, precisamos ter conceitos estabelecidos na nossa mente, os quais vão sendo criados ao longo da vida, durante o processo de aprendizagem e também com as interações culturais, e precisamos de uma linguagem para expressar esse sentido.

Quanto mais distante a imagem está de sua referência, mais difícil se torna o processo de interpretação. E como os mapas conceituais podem variar com as culturas, nem sempre as interpretações e os sentidos serão os mesmos. Julgamos importante, pois, sinalizar que em nossas análises, entendemos que serão mobilizados pelo jornal *The Guardian* tanto mapas conceituais do contexto brasileiro, quanto europeu.

3.2 – Análise dos elementos verbais e não-verbais: títulos, subtítulos e fotografias

As notícias e textos jornalísticos em geral, diferentemente dos literários, seguem uma ordem de informações baseada na relevância dos fatos. Como disse Comassetto (2001, p 31):

Os fatos ou informações mais importantes ou interessantes, pelo menos para o emissor e na suposta ótica do receptor, aparecem primeiro, quase sempre de maneira resumida ou breve; detalhes e informações secundárias são deixados para depois e distribuídos hierarquicamente ao longo do texto.

O título é a primeira categoria da notícia a fornecer o tópico de que o leitor precisa para ativar um esquema mental, ou seja, o interesse do possível leitor. No webjornalismo, o título de uma notícia vai além de informar o leitor sobre o assunto ou chamar sua atenção, ele também funciona como um gancho, o chamado “*link*”, permitindo que o leitor abra a notícia por completo e até mesmo conteúdos diferentes sobre o mesmo tema. Conforme Canavilhas:

A introdução de novos elementos não-textuais permite ao leitor explorar a notícia de uma forma pessoal, mas obriga o jornalista a produzi-la segundo um guião de navegação análogo ao que é preparado para outro documento multimídia. O jornalista passa a ser um produtor de conteúdos multimídia de cariz jornalístico– webjornalista. (CANAVILHAS, 2003, p. 70).

O subtítulo vem como uma confirmação ou complementação da ideia que foi criada com a leitura do título. Juntos, eles permitem que os interessados na notícia possam se aprofundar um pouco mais no assunto da matéria antes de iniciar a leitura de fato.

As fotografias, por sua vez, têm a função não apenas de ilustrar o que está sendo dito na publicação. De acordo com as autoras Tavares e Procópio (2013), elas podem ter a função informativa, deixando o possível leitor saber qual tema será tratado em determinada matéria ou matérias, mas também funcionam como uma isca para atrair o possível leitor a abrir o site ou a matéria, agindo também com uma finalidade persuasiva.

As imagens e fotografias começaram a fazer parte das notícias no final do século XIX, como diz Mucci Daniel (2020), e durante a década de 1960, as fotos jornalísticas carregavam uma grande dose de verdade, elas eram as testemunhas que provavam a veracidade dos fatos noticiados. Em 1970 os jornalistas começam a utilizar as fotografias como brechas para questionamentos. Porém, atualmente “as fotos de imprensa, sob a forma heterogênea de subgêneros, tais como fotonotícia ou fotolegenda, fotossequência, fotorreportagem, foto

simbólica, entre outros, carregam ideologias, críticas, argumentações, opiniões, visões e representações de mundo” (MUCCI DANIEL, 2020, p. 85).

3.2.1 Notícia publicada em 25 de fevereiro de 2020



Sign in
Contribute →
The Guardian
News Opinion Sport Culture Lifestyle
World Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Global development
Jair Bolsonaro
This article is more than 2 years old
Outrage as Jair Bolsonaro appears to endorse Brazil anti-democracy protests
Far-right demonstrations called for 15 March
Former president: 'We must shout while we still have a voice'
Tom Phillips Latin America correspondent
Wed 26 Feb 2020 16:47 GMT

Título: *Indignação quando Jair Bolsonaro parece endossar protestos anti democracia no Brasil*

A notícia analisada remete ao contexto de protestos organizados pela extrema-direita e por apoiadores do presidente, sobretudo para questionamento do Congresso Nacional, do Supremo Tribunal Federal (STF) e para defesa das ações do presidente. À época, grupos organizaram o primeiro protesto para o dia 15 de março e Bolsonaro havia compartilhado um vídeo de *whatsapp* divulgando a ação.

Importante notar que, no título, o uso da palavra “indignação” remete a uma avaliação negativa da suposta ligação do presidente aos protestos. Entendemos que tal indignação se caracteriza por algumas razões: i) é esperado que um presidente defenda a democracia e preserve suas instituições, tais como Congresso Nacional e STF, ii) num contexto de pandemia e de medidas severas de distanciamento social, é esperado que o líder máximo de uma nação não estimule a aglomeração de pessoas. Quanto a este ponto, cumpre ressaltar que a notícia antecede a notificação do primeiro caso de coronavírus no país, ocorrido em 26/02/20. Contudo, devemos considerar o contexto de publicação do jornal, no caso o Reino Unido e a Europa, que naquele momento, já adotavam severas medidas de *lockdown*. Importante ratificar que o jornal não adota uma postura taxativa quanto à postura de Bolsonaro: o uso da construção *parece endossar, modaliza* e atenua a suposta conduta do presidente.

Em relação à imagem, esta mostra Bolsonaro fazendo um coração com as mãos, símbolo que normalmente consideramos com algo bom, felicidade e afeto. Assim, percebemos uma espécie de contradição, de ironia entre o sentimento negativo mobilizado no título pela palavra indignação e o símbolo positivo do coração demonstrado na imagem. O presidente estaria

demonstrando afeto à anti-democracia? Observa-se que a argumentação do jornal, neste caso, se faz por um contraste, por uma ironia e suposta contradição entre a positividade demonstrada na imagem e a negatividade demonstrada no título.

Outro destaque, na foto, é a presença das cores da bandeira do Brasil tanto ao fundo quanto na gravata do presidente. As cores são usadas pelos países como uma forma de identidade, reforçando às pessoas que esse fato se passa no Brasil.

3.2.2 Notícia publicada em 30 de março de 2020



Título: *Esquerda brasileira exige renúncia de Bolsonaro por resposta ao coronavírus*

Subtítulo: *Presidente acusado de colocar cinicamente e criminalmente os interesses empresariais acima da segurança pública*

Mais uma vez, vemos aqui o contraste entre a seriedade do título e a demonstração de descontração de Bolsonaro. Naquele contexto, Bolsonaro demonstra descrença na complexidade da pandemia, questionava as estatísticas de morte e as evidências científicas quanto às medidas de proteção e gravidade da

doença, chegando a dizer que Covid-19 é apenas uma gripezinha.⁹ Àquela altura, o presidente desacreditava o trabalho de alguns governadores e prefeitos e conclamava a população a retomar o trabalho e a normalidade da vida tanto em falas públicas em atos a frente do Palácio do Planalto e da Alvorada, quanto em suas redes sociais e até mesmo em pronunciamentos oficiais transmitidos pela televisão. Neste contexto, algumas entidades e organizações questionavam a conduta do presidente e, na notícia observada, o foco recai sobre a esquerda brasileira, demarcando a polarização política na qual se encontra o país. No subtítulo, Bolsonaro é acusado de colocar interesses particulares – no caso, os empresariais, acima da segurança pública. Destaca-se o uso dos advérbios *cinicamente* e *criminalmente*, evidenciando uma avaliação em discordância a preceitos éticos e legais da postura do presidente.

⁹ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536> Acesso em 29/07/22

Já na imagem usada, o presidente novamente aparece sorrindo e fazendo um gesto considerado como positivo, que é justamente o oposto ao que diz o título e subtítulo da matéria. O sorriso, a alegria e o sinal de positividade com as mãos parecem confrontar *cinicamente* e *criminalmente*, com o agravamento da situação vivida no país¹⁰ – e no mundo – naquele momento. Mais uma vez encontramos as cores da bandeira do Brasil, mesmo que de forma sutil na gravata de Bolsonaro e no fundo desfocado da foto.

3.2.3 Notícia publicada em 31 de março de 2020



Título: *A visão do The Guardian sobre Jair Bolsonaro: um perigo para os brasileiros*

Subtítulo: *O presidente está destruindo as tentativas de seu país de conter a propagação do coronavírus*

Aqui, temos não apenas uma mudança na relação entre a linguagem verbal e não-verbal usada pelo jornal, com uma mudança no tom da escrita da matéria. Neste exemplo temos um editorial, o que significa que o jornal assume uma perspectiva avaliativa, emitindo uma opinião concreta e direta sobre o presidente Bolsonaro e a situação no Brasil.

Apesar de seu tom um pouco mais ameno, Bolsonaro ainda critica o isolamento social, se afastando politicamente do seu então aliado, o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que havia começado a acatar as indicações da OMS na luta contra a doença.¹¹ O dia 31 de março de 2020 foi marcado como o momento em que o Brasil teve o maior número de mortos pelo coronavírus em 24 horas, com total de 42 vítimas. Também no final de março, a Caixa Econômica Federal já havia lançado um aplicativo e um site para o recebimento do auxílio

¹⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-25/em-cadeia-de-tv-bolsonaro-minimiza-coronavirus-para-insuflar-base-radical.html> Acesso em 26/02/22.

¹¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-01/em-nova-fala-na-tv-sobre-coronavirus-bolsonaro-calibra-tom-mas-nao-defende-isolamento-social-contrapandemia.html> Acesso em 29/07/22

emergencial de r\$ 600 por mês, durante 3 meses, prometido pelo governo para pessoas sem, ou de baixa renda, porém esse dinheiro só começaria a ser distribuído em abril, para pessoas previamente cadastradas.¹²

Assim, neste artigo de opinião do jornal *The Guardian*, Bolsonaro é retratado como um perigo para os brasileiros, tendo como base tudo que estava acontecendo na época. A imagem usada complementa essa opinião. Podemos perceber é uma fotografia bem focada no rosto do Presidente que, diferente das outras imagens usadas como exemplo nesta pesquisa, apresenta uma expressão facial não muito feliz, um pouco séria e até mesmo brava. Essa foto complementa o título da matéria passando uma sensação de que o presidente sabe que não é considerado bom em seu cargo e até mesmo transformando-o em um vilão. Outra característica é a presença do azul remetendo novamente a bandeira do Brasil como já foi visto em outras imagens.

3.2.4 Notícia publicada em 16 de abril 2020



Brazil

This article is more than 2 years old

Bolsonaro fires popular health minister after dispute over coronavirus response

- Luiz Henrique Mandetta defended physical distancing
- Far-right president has downplayed impact of coronavirus

Dom Phillips in Rio de Janeiro

Thu 16 Apr 2020 23:27 BST

Título: *Bolsonaro demite popular ministro da Saúde após disputa por causa do coronavírus*

Deparamo-nos com uma imagem que passa a sensação de movimento. O então ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, faz um gesto comumente conhecido como uma súplica, um pedido de ajuda, seja pelo fato de estar sendo demitido, ou como se tivesse pedindo auxílio divino para o enfrentamento da pandemia, enquanto Bolsonaro aparece fazendo uma espécie de careta.

Novamente podemos ver uma vilanização do presidente quando ele é colocado ao lado do ex-ministro da saúde com tal expressão de súplica e, principalmente, quando o título deixa explícito que Mandetta estava sendo demitido.

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/2020/03/31/terca-feira-31-de-marco.ghtml> Acesso em 29/07/22

Em abril de 2020 completou um mês de confinamento devido a pandemia do novo coronavírus. Era um momento em que as pessoas estavam procurando maneiras de se distrair e se proteger ao mesmo tempo. O segundo mês da pandemia no Brasil já começou a apresentar diversos problemas em relação aos hospitais do país. Vários estados, como por exemplo o Ceará, começaram a anunciar que seus leitos de UTI do SUS já estavam completamente ocupados e que enfrentavam dificuldades para comprar respiradores, o que dificultava ainda mais o tratamento dos infectados em várias regiões do país.¹³

Novamente as cores da bandeira do Brasil estão bem visíveis tanto no fundo da foto, quanto na gravata do presidente Bolsonaro.

3.2.5 Notícia publicada em 29 de abril de 2020



Sign in
Contribute →
The Guardian
News Opinion Sport Culture Lifestyle
World Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Global development
Brazil
This article is more than 2 years old
'So what?': Bolsonaro shrugs off Brazil's rising coronavirus death toll
Outrage at president's response to news that more than 5,000 people have lost their lives
Coronavirus - latest updates
See all our coronavirus coverage
Tom Phillips in Rio de Janeiro
Wed 29 Apr 2020 14:37 BST

Título: *'E daí?': Bolsonaro dá de ombros para o crescente número de mortes por coronavírus no Brasil*

Subtítulo: *Indignação com resposta do presidente à notícia de que mais de 5.000 pessoas perderam a vida*

Podemos perceber algumas diferenças entre este exemplo e os outros apresentados anteriormente. Aqui, Bolsonaro não aparece na imagem ilustrativa, que na verdade é um *take* de um vídeo, porém seu nome está presente no título da matéria.

A expressão destacada usada pelo presidente “e daí?” é bastante popular no Brasil e é usada principalmente quando o enunciador não dá importância a algo, não válida ou não dá crédito a determinado fato ou situação. No dia 28 de abril de 2020, ao ser perguntado sobre o número de mortes no Brasil, Bolsonaro respondeu: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre.". O presidente ainda tenta se eximir da culpa de suas decisões nestes primeiros meses da

¹³ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-04-16/> Acesso em 29/07/22

pandemia dizendo: "Questão de mortes: a gente lamenta as mortes profundamente. Sabia que ia acontecer, tá? Agora, quem tomou todas as medidas restritivas foram os governadores e prefeitos. Eu desde o começo me preocupei com vida e com emprego.". ¹⁴

Neste mesmo dia, o Ministério da Saúde divulgou mais 449 mortes pelo novo coronavírus nas últimas 24 horas, o que nos leva a entender o uso do recurso da linguagem não verbal nesta matéria.

Não apenas se referindo às vítimas fatais da doença, essa imagem nos mostra pessoas negras, com roupas que remetem a religiões de raízes africanas, altamente criticados por Bolsonaro e pelos seus apoiadores conservadores. Desde o início, sua campanha se referiu a religião cristã como sendo a principal e a que todos deveriam seguir além de prezar e ressaltar várias vezes a importância da família tradicional brasileira, como pode ser visto na introdução deste trabalho.

Avaliando um pouco mais a ilustração usada na notícia, além das vestimentas e da cor de pele dos personagens que aparecem tristes presenciando o enterro, podemos identificar dois coveiros altamente vestidos com roupas que cobrem da cabeça aos pés e as mãos, seguindo as recomendações que a OMS passava constantemente aos profissionais¹⁵, e podemos reparar que o caixão que está sendo enterrado é pequeno, o que nos leva a acreditar que a vítima pode ser uma criança. O contraste vem justamente da sensibilidade que essa imagem traz contra a expressão indiferente usada por Bolsonaro.

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/resumo-do-dia/noticia/2020/04/29/quarta-feira-29-de-abril.ghtml> Acesso em 29/07/22

¹⁵ Disponível em: https://www.saude.gov.br/files/banner_coronavirus/GuiaMS-Recomendacoesdeprotecaotrabalhadores-COVID-19.pdf Acesso em 29/07/22

3.2.6 Notícia publicada em 18 de maio de 2020



Título: *Bolsonaro saúda protestos anti-lockdown enquanto casos de coronavírus aumentam no Brasil*

Subtítulo: *O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, cumprimentou os protestantes pelo bloqueio de coronavírus depois que o número total de casos de covid-19 no país ultrapassou 230 mil. Bolsonaro, um líder populista de direita, tem criticado as medidas de distanciamento físico e bloqueio implementadas pelos governos estaduais do Brasil. 'Desemprego, fome e miséria serão o futuro daqueles que apoiam a tirania do isolamento total', tuitou Bolsonaro.*

Nessa notícia do dia 18 de maio de 2020, podemos ver Bolsonaro cumprimentando protestantes negacionistas que estavam a favor do relaxamento do *lockdown* mesmo com os casos de coronavírus aumentando no país. Ainda no mês de maio, o Brasil se tornou o terceiro país do mundo com mais infectados.¹⁶ A imagem utilizada na ilustração dessa notícia também é um *take* de um vídeo assim como o exemplo anterior. Nela podemos perceber que Bolsonaro é uma das únicas pessoas usando máscara. Mesmo sendo abertamente contra as medidas de prevenção ao coronavírus, Bolsonaro passou a usar as máscaras após receber diversas críticas em relação a sua conduta e aos seus discursos sobre a doença no país.

É possível notar a grande presença do verde e amarelo, cores principais da bandeira do Brasil, assim como a cor azul na camisa do presidente. Há ainda uma placa na imagem sobre o o Supremo Tribunal Federal, isso porque o STF neste momento já estava tentando obrigar o presidente a seguir as normas de proteção e a divulgá-las cada vez mais.

Também neste mês algumas pessoas já estavam recebendo a segunda parcela do auxílio emergencial disponibilizado pelo governo, porém milhões de cadastrados ainda estavam esperando receber a sua parte. Isso porque mais de 73 mil militares das Forças Armadas

¹⁶ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-05-18/> Acesso 29/07/22

receberam, indevidamente, essa ajuda financeira que era destinada às pessoas sem renda ou de baixa renda comprovada.

Apesar de tantos problemas e obstáculos que os brasileiros estavam enfrentando no mês de maio, as expressões de felicidade e comemoração presentes na ilustração mostram a discrepância entre a realidade e as imagens que o jornal usa, propositalmente, para ilustrar suas matérias.

3.2.7 Notícia publicada em 5 de junho de 2020



Sign in
Contribute →

The Guardian
News website of the year

News Opinion Sport Culture Lifestyle

World Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Global development

Brazil

This article is more than 2 years old

Brazil condemned to historic tragedy by Bolsonaro's virus response - top doctor

- Poorest will suffer most, says famed oncologist Drauzio Varella
- 'The situation couldn't be worse. It just couldn't'
- Coronavirus - latest global updates

Tom Phillips in Rio de Janeiro
Fri 5 Jun 2020 17:47 BST

Título: *Brasil condenado a tragédia histórica pela resposta ao vírus de Bolsonaro - médico top*

Com título curto, a matéria já deixa os leitores preocupados com a situação do Brasil, ao indicar que os brasileiros estão condenados a uma tragédia histórica por causa do presidente. O verbo condenar, empregada na frase, sugere uma espécie de castigo, de sentença compulsória, a qual estão submetidos os brasileiros. No mês de junho, o Brasil bateu o recorde na contagem de mortes por covid-19 e, apesar disso, o governo decidiu mudar a divulgação dos dados, reduzindo as informações disponíveis ao público. Os

boletins com os números sobre a doença passaram a ser divulgados no final da noite e a quantidade total de óbitos do dia foram excluídos das postagens. O portal online com as informações consolidadas também saiu do ar no dia 5 de junho de 2020.¹⁷Neste mesmo mês, cerca de um milhão de pessoas voltaram a usar o transporte público no estado de São Paulo apesar de toda a insegurança em relação à crise sanitária.

Mesmo anunciando a tragédia no Brasil devido a pandemia do novo coronavírus no título, na imagem o *The Guardian* utiliza uma foto de Bolsonaro de braços abertos, comemorando ou cumprimentando pessoas. Podemos perceber que ele é o único sem máscara, novamente deixando de lado uma das formas de prevenção contra o novo coronavírus.

¹⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-06-05/> Acesso em 29/07/22

O contraste gritante entre título e imagem nos diz que, apesar de ter sua parcela de culpa no número de mortes e de contaminações de covid-19 por ter, desde o início da pandemia, desestimulado as medidas de prevenção, ignorado a gravidade da doença e criticado o isolamento social, Bolsonaro não parece se preocupar com a situação do país.

3.2.8 Notícia publicada em 23 de junho de 2020



Sign in
Contribute →
The Guardian
News Opinion Sport Culture Lifestyle
World Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Global development

Jair Bolsonaro

This article is more than 2 years old

Brazilian judge tells Bolsonaro to behave and wear a face mask

President reminded he is not above the law and risks fine if he continues to break rules

Coronavirus - latest updates
See all our coronavirus coverage

Tom Phillips in Rio de Janeiro
Tue 23 Jun 2020 15:41 BST

Título: *Juiz brasileiro manda Bolsonaro se comportar e usar máscara*

Subtítulo: *Presidente foi lembrado que não está acima da lei e corre o risco de ser multado se continuar infringindo as regras*

Neste exemplo do dia 23 de junho de 2020, o *The Guardian* anuncia em seu título que Bolsonaro havia sido obrigado a utilizar máscara pela Justiça Federal. Tal medida se estendeu também aos servidores públicos do Governo Federal e instaurou-se uma multa de R \$2000 para quem descumprir a conduta. A decisão da Justiça Federal obrigava o uso das máscaras faciais em

espaços públicos do Distrito Federal e classificou a postura de Bolsonaro em relação à pandemia como "irresponsável".

Também em junho de 2020 completaram-se 100 dias de quarentena e *lockdown* no Brasil. Os efeitos dessa solidão e deste isolamento começaram a ser ainda mais sentidos pela população. Algumas pessoas, que eram a favor e concordavam com as medidas de prevenção da OMS, se viram obrigadas a sair de suas casas para terem algum alívio mental e social. Alguns outros países da Europa, por exemplo, começaram a abrir restaurantes e pubs na tentativa de amenizar os efeitos do isolamento na saúde da população e de movimentar a economia porém, assim que reabriram, o número de casos voltou a aumentar, reforçando o que a OMS pregou desde o início da pandemia: que o isolamento era a melhor forma de evitar o contágio.¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-06-23/> Acesso em 29/07/22

A imagem usada para ilustrar a notícia do *The Guardian* não combina exatamente com os outros exemplos mostrados anteriormente, isso porque coloca o presidente sozinho, no meio do enquadramento, usando máscara. Não é possível ver e nem ter certeza de nenhuma expressão facial ou sentimento no presidente.

3.2.9 Notícia publicada em 28 de junho de 2020



Sign in
Contribute →
The Guardian
News website of the year
News Opinion Sport Culture Lifestyle
World ▶ Europe US Americas Asia Australia Middle East Africa Inequality Global development

Brazil
This article is more than 2 years old

Top Brazil newspaper in pro-democracy drive as unease grows about Bolsonaro

Folha de São Paulo urges people who support campaign to protect country's political future to wear yellow

Tom Phillips in Rio de Janeiro
Sun 28 Jun 2020 17:59 BST

Título: *Principal jornal brasileiro em campanha pró-democracia à medida que cresce a inquietação sobre Bolsonaro*

Subtítulo: *Folha de São Paulo pede que pessoas que apoiam campanha para proteger futuro político do país usem amarelo*

Aqui, Bolsonaro não é a figura em destaque, mas, mesmo assim está presente na imagem, assim como as cores da bandeira do Brasil. Na foto temos uma mulher, apoiadora do atual governo, expressando emoção e até mesmo dando a impressão de estar gritando. É evidente o entusiasmo dessa mulher pelo presidente e pelo

atual governo. Ela veste as cores da bandeira na roupa, na máscara e em objetos.

O título da matéria é justamente sobre esse “fanatismo” em relação a Bolsonaro quando diz que um dos principais jornais do Brasil está incentivando uma campanha pró-democracia. O jornal ao qual se referem é o Folha de São Paulo, que como diz no subtítulo, sugeriu que os apoiadores da campanha usassem roupas da cor amarela.

Porém, nessa mesma época de junho de 2020, não foi apenas o jornal que incitou manifestações contra o atual governo. Alguns partidos de oposição também promoveram manifestações contra Bolsonaro na capital paulista, justificando que o presidente coloca a democracia brasileira em risco, assim como a saúde pelo modo como trata a pandemia. Os protestantes, ao contrário do pedido do jornal, usaram vermelho nas ruas com cartazes em inglês que diziam “*Stop Bolsonaro*”, que pode ser traduzido como “Pare Bolsonaro”.¹⁹

¹⁹ Disponível em <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-06-28/> Acesso em 29/07/22

Entretanto, a imagem usada pelo *The Guardian* não é uma fotografia do evento proposto pela Folha de São Paulo e nem da manifestação proposta pelos seus opositores, e sim de um comício em Brasília a favor do presidente.

3.2.10 Notícia publicada em 8 de julho de 2020



Título: *Brasil: Bolsonaro usa calúnia homofóbica para zombar de máscaras*

Subtítulo: *O jornal principal diz que o presidente provocou funcionários usando máscaras para se proteger contra a covid-19, dizendo que eles eram 'para fadas'*

A imagem já apresenta uma diferença significativa em relação às anteriores: a falta das cores da bandeira do Brasil, como visto nos outros exemplos. Nessa foto, Bolsonaro aparece gesticulando com uma máscara nas mãos e falando algo. Passa a sensação de movimento e traz novamente as expressões faciais exageradas

do presidente. É possível perceber que na máscara que ele está segurando, há uma imagem de seu rosto, que foi feita para ele e seus apoiadores.

No dia 8 de julho de 2020 a OMS reconheceu que havia risco de transmissão do novo coronavírus pelo ar, aumentando ainda mais a indicação de que as pessoas deveriam usar máscaras em ambientes abertos e fechados. Também em julho algumas empresas de biotecnologia já estavam começando a tentar produzir vacinas contra a Covid-19.

O título da matéria já deixa bem claro a gravidade das falas do presidente, que ataca novamente as minorias. O leitor já pode perceber que a matéria se trata sobre a junção de duas manifestações péssimas: 1) homofobia, coisa que Bolsonaro nunca escondeu ser. A tradução literal da palavra “fairies”, é “fadas”, que em português não é considerado como um insulto, mas no inglês, essa expressão é extremamente mal vista, podendo ser comparada com o uso da palavra “viado” em português para se referir aos homossexuais; 2) zombar do uso das máscaras

quando milhares de pessoas já haviam morrido por conta do coronavírus e outras milhares ainda estavam internadas e doentes. Um detalhe nesse título, que difere dos outros apresentados, é que o autor define logo no começo que se trata sobre o Brasil. É como se avisasse aos leitores “isso é o Brasil”.

O tom escuro na imagem carrega consigo a gravidade e a indignação das falas e ações de Bolsonaro, sendo usada dessa vez não como um contraste, mas sim como uma forma de intensificar as sensações e impressões do leitor.

3.2.11 Notícia publicada em 8 de agosto de 2020



The Observer
Brazil's ex-health minister attacks Bolsonaro as Covid-19 deaths tops 100,000
Luiz Henrique Mandetta says president's 'misguided' handling of crisis has failed to comfort families
Tom Phillips Latin America correspondent
Sat 8 Aug 2020 14:39 BST

Título: *Ex-ministro do brasil ataca Bolsonaro e mortes por covid-19 superam 100 mil*

Subtítulo: *Luiz Henrique Mandetta diz que manejo 'errado' do presidente da crise não consolou as famílias*

Apesar da notícia não ser exatamente sobre Bolsonaro, ainda é ele quem estampa a matéria. O ex-ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, fez comentários atacando o presidente Bolsonaro e sua conduta, que continuava irresponsável em relação à pandemia. Neste dia 8 de agora de 2020, o presidente fez posts nas redes sociais comemorando o Campeonato Paulista, enquanto o Brasil ultrapassava oficialmente a marca de 100.000 mortes pelo novo coronavírus.

Ainda nas redes sociais, o presidente lamentou as mortes por covid-19, assim como as mortes causadas por outras doenças, e comemorou que o Brasil tinha “um dos menores índices de óbitos por milhão entre as grandes nações”.²⁰ Mandetta questionou as postagens de Bolsonaro, insinuando que foram erradas e que não ajudaram a consolar as famílias das vítimas.

A imagem utilizada faz contraste com o texto, pois mostra o presidente mexendo na máscara, mas de uma forma que não podemos determinar se ele está apenas arrumando o objeto no rosto ou retirando a mesma. Mais uma vez a fotografia traz a relação de Bolsonaro com as

²⁰ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-08-08/> Acesso em 29/07/22

máscaras que, como podemos ver nos exemplos anteriores, é bem conturbada já que o presidente se mostrou contra o uso delas desde o início da pandemia.

Novamente podemos ver o azul na foto, como um lembrete da bandeira do Brasil.

3.2.12 Notícia publicada em 24 de agosto de 2020



Título: *Bolsonaro diz a jornalista que 'gostaria de quebrar a cara' por questões financeiras*

Subtítulo: *Resposta veio depois que o presidente do Brasil foi questionado sobre pagamentos misteriosos para sua esposa*

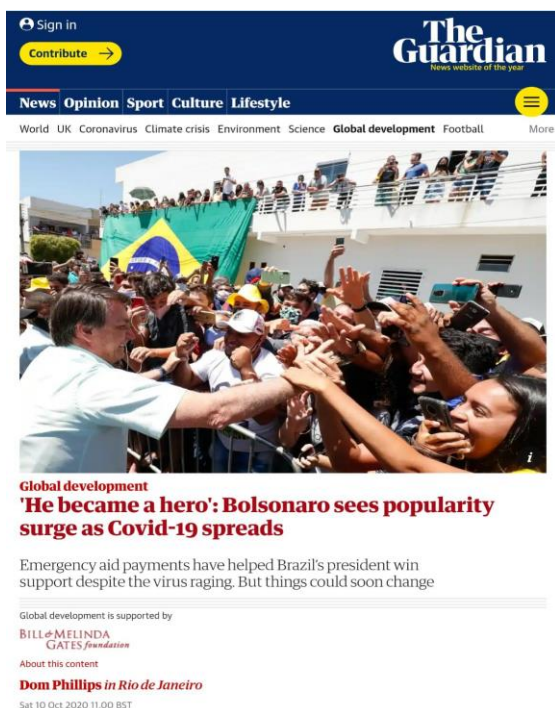
Não é apenas nas matérias sobre a pandemia que Bolsonaro causou indignação. Neste exemplo temos a notícia sobre o presidente dizer, publicamente, a um jornalista que ele gostaria de bater no rosto do profissional. A fala do presidente veio após ser questionado pelos jornalistas presentes sobre uma quantia que teria sido paga à sua esposa, Michelle Bolsonaro.

Investigadores descobriram que cerca de R\$89.000 foram repassados para a primeira dama e que essa quantia era apenas uma parte de todo o dinheiro que estava sendo movimentado misteriosamente. A investigação mostrou que Fabrício Queiroz, ex-assessor de Bolsonaro, fazia diversos repasses para as contas da primeira dama, assim como dos filhos do presidente. Até onde se sabe, a quantia movimentada pode chegar a R \$450.000.²¹

A imagem, além da sensação de movimento e da expressão corporal do presidente ser dinâmica, mostra que ele está protegido por uma tela. Levando a interpretação mais a fundo, podemos dizer que Bolsonaro faz e fala o que quiser de longe, sem se aproximar demais de seus alvos, pois está protegido, seja por uma tela, por apoiadores ou pelos seguranças.

²¹ Disponível em <https://brasil.elpais.com/acervo/2020-08-24/> Acesso em 29/07/22

3.2.13 Notícia publicada em 10 de outubro de 2020



Título: *'Ele se tornou um herói': Bolsonaro vê popularidade aumentar à medida que a covid-19 se espalha*

Subtítulo: *Pagamentos de ajuda emergencial ajudaram o presidente do Brasil a ganhar apoio apesar do vírus. Mas pode mudar em breve.*

Durante todo o ano de 2020, Bolsonaro foi duramente criticado tanto no exterior quanto pelos brasileiros pela sua postura frente à pandemia e também pelos escândalos envolvendo seus empregados e sua família, mas essa matéria de outubro mostra o presidente ganhando popularidade.

O título diz que “ele se tornou um herói”, se referindo ao aumento dos números de apoiadores de Bolsonaro. Um dos motivos dessa ascensão foi o auxílio emergencial disponibilizado pelo governo que ajudou famílias em necessidade. A quantia que varia entre R\$108 e R\$217 por mês, estava sendo distribuída desde abril para cerca de 67 milhões de brasileiros. Com o aumento do desemprego, o grande número de mortos e doentes, receber “de graça” esse dinheiro deixou muitos brasileiros encantados e felizes com o governo. Outra explicação para essa onda de simpatizantes, é que Bolsonaro já havia pego Covid-19 em julho de 2020 e se curou da doença sem nenhuma sequela, o que deu um certo gás aos negacionistas.²²

A imagem ilustra a popularidade de Bolsonaro mostrando várias pessoas estendendo as mãos em direção ao presidente, como que querendo cumprimentá-lo, além da presença de algumas pessoas claramente emocionadas por estarem tão perto dele. A bandeira do Brasil novamente chama atenção na imagem, mesmo que esteja ao fundo. Bolsonaro por sua vez aceita a aclamação de seus apoiadores e cumprimenta alguns deles.

²² Disponível em <https://www.theguardian.com/global-development/2020/oct/10/jair-bolsonaro-brazil-coronavirus-aid> Acesso em 29/07/22

Um detalhe no subtítulo chama atenção em relação a toda mostra da adoração ao presidente vista na imagem e no título. A frase “Mas as coisas podem mudar logo” deixa o leitor consciente de que essa euforia não é segura e sim frágil e finita.

3.3 Análise geral

A partir da descrição analítica de cada notícia observada, é possível perceber a presença central de Jair Bolsonaro. Na maioria das vezes, o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, aparece no centro das fotografias e sozinho. Mesmo em imagens nas quais apareçam mais pessoas, Bolsonaro ainda ganha destaque, seja pela localização no enquadramento da foto ou nas expressões faciais e corporais que ele apresenta. Muitas dessas imagens não foram feitas pelo autor da notícia, e nem no país onde o jornal é distribuído ou publicado, o que nos lembra do primeiro capítulo deste trabalho, onde dizemos sobre como a tecnologia e a internet aumentaram as possibilidades dos jornais.

Através da linguagem corporal, podemos identificar uma característica da pessoa ou ter um vislumbre sobre o que aquela pessoa está querendo dizer. Nas imagens analisadas, o presidente raramente aparece sério, concentrado ou em posição neutra. A sensação de movimento é constante quando olhamos as fotografias. Ele está normalmente de braços abertos, cumprimentando pessoas, mexendo nas máscaras de proteção e fazendo gestos com as mãos. Algumas vezes, o presidente produz gestos que não parecem condizentes ou adequados com a situação relatada nas notícias. Assim como Hall (2016) explica em seu livro, *Cultura e Representação*, e como dizemos anteriormente, palavras, gestos e expressões são parte da nossa realidade, geram significados, que podem variar entre as culturas, mas que independente da leitura que é feita sobre elas, cria opiniões que podem ser parecidas ou divergentes.

Ainda quanto às imagens, outro aspecto notado é a presença das cores da bandeira do Brasil. O contato direto com essas cores remete o leitor ao país sobre o qual a matéria se refere, e com isso reforça uma ideia sobre os brasileiros e sobre a situação no Brasil. Esses elementos de brasilidade são também retomados nos títulos, na medida em que há marcadores que fazem referência ao Brasil, não deixando haver nenhuma dúvida sobre a quem ou a qual país a notícia está se referindo. Com isso, o jornal intencionalmente ou não, consegue um tipo de influência sobre seus leitores e até mesmo sobre os governos. Como foi explicado nos textos anteriores, na Diplomacia Midiática, um meio de comunicação pode exercer diversos tipos de papéis na sociedade, e quando um jornal tão conhecido e como o *The Guardian* deixa bem clara suas

opiniões sobre o Brasil, ele é capaz de exercer uma pressão tanto nos brasileiros quanto nos leitores internacionais. Independente da atuação que a mídia pretende exercer – Controladora, Constrangedora, Interventora ou Instrumental – ela é um agente necessário para a manutenção da política no mundo.

Todas essas características, quando relacionadas ao teor grave ou sério dos títulos e subtítulos das matérias publicadas, leva o leitor a crer que Bolsonaro não é uma pessoa que entende a gravidade dos acontecimentos. Muitas vezes podemos interpretar a escolha dessas imagens como uma forma de crítica por parte do jornal. Como disse Mucci Daniel (2020, p. 60), “os processos de representação, comunicação e interpretação (...) abarcam escolhas realizadas por interesses de quem produz e interpreta”.

CONCLUSÃO

Nessa monografia buscou-se entender e analisar como um jornal internacional, como o *The Guardian*, usou de linguagens verbais e não-verbais para representar o Brasil e o governo de Bolsonaro durante o ano de 2020. Era fundamental aprender qual imagem os leitores recebiam sobre o país e sobre o presidente no primeiro ano da pandemia do novo coronavírus.

Para isso, contextualizamos o processo e a ascensão de Bolsonaro ao poder, bem como buscamos literatura teórica que seriam importantes para as análises, tais como o funcionamento do jornalismo internacional, e os fundamentos para se entender como as representações são criadas e como as diversas linguagens podem ser usadas em conjunto para a transmissão de uma mensagem.

Por meio de nossas análises, foi constatado que o jornal *The Guardian* publica muitas matérias sobre o Brasil, e sobre os mais variados temas envolvendo os brasileiros, mas um ponto que chama atenção é na forma como são mostradas as notícias sobre o governo de Bolsonaro. Através das imagens destacadas nas matérias que foram selecionadas para este trabalho, pudemos constatar que há uma expressão de opinião na relação entre elas e os títulos.

Como foi visto no capítulo 2 deste trabalho, podemos concluir que o *The Guardian*, de acordo com as ideias da Diplomacia Midiática, assume um papel de mídia constrangedora, ao mostrar como o governo brasileiro realmente lidou com a pandemia em 2020.

Ao analisar os enquadramentos das fotografias, a presença das cores, as expressões faciais e corporais dos personagens das imagens, foi possível demonstrar que o jornal utiliza a relação da fotografia com o texto como crítica. Bolsonaro, na maioria das imagens, aparece sorridente, confiante, despreocupado. Somente quando lemos os títulos e subtítulos das matérias é que podemos ver as críticas que estão sendo feitas. Isso acontece porque, enquanto a linguagem não-verbal demonstra uma sensação de alegria, a linguagem verbal expõe os problemas graves que estavam acontecendo no país.

Após discussões e estudos, foi possível notar que o *The Guardian* deixa sua ideia sobre o governo brasileiro no ano de 2020 bem explícita. A forma como Bolsonaro é colocado, como se não estivesse preocupado com a pandemia, com o número de vítimas e com a vida dos

brasileiros, mostra a opinião do jornal, e conseqüentemente, com foi visto anteriormente, passa essa visão para seus leitores, influenciando na opinião pública internacional sobre o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNEZ, L. F. O jornalismo internacional entre mudanças e permanências. **Verdades, Narrativas e Sentidos**, [s. l.], v. 12, n. 2, jul./dez. 2015. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2015v12n2p314>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p314>. Acesso em: 2 jun. 2022.

AGNEZ, L. F., & MOURA, D. O. (2015). Perfil profissional dos correspondentes internacionais brasileiros. **Revista FAMECOS**, 22(3), 41-60. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2015.3.19430>. Acesso em: 8 fev. 2022.

BUENO, W.C. A construção de uma Política de Comunicação como processo de legitimação da Comunicação Pública no Brasil. **Rev. Comun. Midiática**, Cauru/SP, v. 9, n. 3, p. 11-24, set/dez. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/169>. Acesso em: 22 fev. 2022.

BURITY, Caroline Rangel Travassos (2013). A influência da mídia nas Relações Internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de Diplomacia Midiática. **Contemporânea** (Título Não-Corrente), 11(1). <https://doi.org/10.12957/contemporanea.2013.3349> Acesso em 22 fev. 2022.

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. In *Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online*, 63-73, ISBN: 972-8790-07-4. Covilhã: Livros Labcom, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017 Acesso em 22 fev. 2022.

COMASSETTO, Leandro Ramires. As razões do título e do lead - Uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia.. 2001. 99 f. **Dissertação** (Mestrado em Linguística.) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2001.

COUTINHO, Bruna Maria de Lima. O PODER DA INTERNET SOBRE A CANDIDATURA DE BOLSONARO NAS ELEIÇÕES 2018 E AS CONSEQUÊNCIAS PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2018. 18 p. TCC (Graduação Relações Internacionais) - Uninter, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/273>. Acesso em: 27 fev. 2022.

ELIZEU BOMFIM, Ivan; MARIA MÜLLER, Karla. Diplomacia Midiática e Jornalismo Internacional: As Notícias Globais no âmbito da Política Externa. **Revistafsa**, Teresina, v. 13, n. 5, p. 61 - 79, set./out. 2016. Disponível em: www4.fsnet.com.br/revista. Acesso em: 2 jun. 2022.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane Silva. A Era do “Kit-Correspondente”: tendências da

FLORES, Paulo. Redes Sociais e TV: qual o peso de cada meio nas eleições de 2018. 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/03/18/Redes-sociais-e-TV-qualo-peso-de-cada-meio-nas-elei%C3%A7%C3%B5es-de-2018> Acesso em: 14/02/2022

FONSECA, F. Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação. **Revista Brasileira de Ciência Política**, [S. l.], n. 6, p. 41–69, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1784>. Acesso em: 27 fev. 2022.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; Apicuri, 2016. 260 p.

MEMÓRIA GLOBO (org.). Correspondentes: Bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. 532 p. ISBN 9788525065599.

MENDES, Andressa Gabrielly de Lacerda, 1996- 2021 Twitter, opinião pública e a guerra comercial com a China [recurso eletrônico] : um estudo sobre a construção da agenda midiática por Donald Trump (2017- 2021) / Andressa Gabrielly de Lacerda Mendes. - 2021.

MIRANDA, J. S., & LOBATO, J. A. M. (2018). A alteridade entre o consumo e a vivência: O jornalismo internacional e a cobertura de conflitos na perspectiva de correspondentes e editores. *Anagrama*, 12(2). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2018.147784>

MUCCI DANIEL, Laene. A configuração e o funcionamento do gênero discursivo fotopotoca de Ziraldo. Orientador: Prof. Dra. Maria Carmen Aires Gomes. 2020. 289 f. Tese (Doutora em Linguística do texto e do discurso) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte - MG, 2020.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo, SP: Contexto, 2004. 127 p. ISBN 8572442723.

NYE Jr, Joseph S. **The future of power**. Washington: Public Affairs, 2010.

QUADROS, Elisa Heiermann; CORDEIRO, Luiza Benetti de Lemos; SILVA, Sabrina Costa da; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. Imprensa & Tradução: jornais internacionais e nacionais noticiando o teste positivo de Bolsonaro para covid-19. Revista **Versalete**, Curitiba, v. 9, ed. 16, p. 224-243, jan/jun 2021. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol9-16/13-POCHLOPEK.-Silvana-et-al.-Traduc%CC%A7a%CC%83o-e-jornalismo.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ROCHA, Marília; ROSENZWEIG, Patrícia. A Mídia e a Formação da Opinião Pública. In: INTERCOM, 2016, Goiânia. Estudo [...]. [S. l.: s. n.], 2016.

TAVARES, Bruna Tosso; PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Uma análise retórico-argumentativa das imagens de Dilma Rousseff e José Serra nas capas de Isto é e Veja. In: MENDES, Emília, MACHADO, Ida Lúcia Machado, LIM, Helcira; LYSARDO-DIAS, Dylia. organizadoras. **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p.30-50.

VIEIRA FILHO, Maurício João. Conservadorismo acima de tudo e de todos: análise dos discursos de posse presidencial de Jair Bolsonaro. Orientador: Mariana Ramalho Procópio Xavier. 2019. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Jornalismo) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG, 2019.